


## RESENHA

**RAMPAZZO, Laura; MOORE, Viviane de Souza Klen-Alves. Guia teórico-prático do intercâmbio virtual.** Campinas: Pontes, 2024. 125 p.

Rosângela Aparecida Dantas de Oliveira  <https://orcid.org/0000-0002-7289-8804>  
Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP  
[rosangela.dantas@unifesp.br](mailto:rosangela.dantas@unifesp.br)

 <http://doi.org/10.35572/rle.v25i2.6579>

*Recebido em 02 de junho de 2025*

*Aceito em 30 de julho de 2025*

Recursos tecnológicos de informação e comunicação sempre estiveram presentes na sala de aula de língua estrangeira. Como bem destacam Albuquerque-Costa, Mayrink e Oliveira (2020), ao longo dos anos e dos métodos pelos quais o ensino de línguas passou, as diferentes mídias e as formas de reproduzi-las foram – e continuam sendo – a forma de proporcionar *input* na língua-alvo, trazendo para a sala de aula trechos de filmes, propagandas, documentários, músicas, depoimentos e, mais atualmente, podcasts, tutoriais etc. A esse respeito, o professor Vilson Leffa (2016, p. 141), que há muito investiga e publica sobre a relação entre a tecnologia e o ensino e aprendizagem de línguas, comenta que a passagem da Web 1.0 para a 2.0, no início dos anos 2000, substituiu um modelo de comunicação de um para muitos pelo conceito de rede, em que todos têm voz e possibilidade de se tornarem emissores e não só

consumidores de conteúdos. Naquele momento, esse fato representou um marco para docentes e estudantes de línguas, pois o avanço propiciava a oportunidade de encontrar um interlocutor autêntico e usar a língua-alvo não só como objeto de estudo, mas como um instrumento real de comunicação. Em lugar dos diálogos simulados e das encenações em sala de aula, haveria a possibilidade de interagir com o outro, recebendo e transmitindo informação. Os intercâmbios virtuais (IVs), foco da obra que aqui resenhamos, são um dos melhores exemplos de práticas que alcançaram um grande desenvolvimento a partir daquele momento e que continuam crescendo e recebendo cada vez mais atenção.

O livro *Guia teórico-prático do intercâmbio virtual*, de autoria de Laura Rampazzo e Viviane de Souza Klen-Alves Moore, veio a público no final de 2024, lançado pela Pontes Editores. As autoras são docentes universitárias, com bastante experiência em intercâmbios virtuais voltados para a aprendizagem de línguas. Moore trabalhou por dez anos no programa de português da Faculdade da Geórgia, nos Estados Unidos e, atualmente, é professora no condado de Gwinnett County, no mesmo estado. Rampazzo é professora do Departamento de Inglês da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara – FCLAR, da Universidade Estadual Paulista – UNESP. Ambas têm um histórico de envolvimento, em diferentes papéis, com o projeto *Teletandem Brasil: Línguas estrangeiras para todos*, a primeira iniciativa de intercâmbio virtual implantada no Brasil em 2006, em um gesto de inegável inovação e visão de futuro do professor João Telles, docente de inglês, naquele momento atuando no Departamento de Educação da Faculdade de Ciências e Letras do campus de Assis (SP) da UNESP, nas disciplinas de formação de professores de línguas.

Ao longo de suas quase duas décadas de existência, o projeto rendeu muitos frutos e sua trajetória está amplamente divulgada e documentada. A título de exemplo, entre muitos outros, podemos citar Telles & Vasallo (2006), Vasallo & Telles (2006), Benedetti (2013), Aranha & Cavallari (2014), Telles (2015) e Carvalho & Messias (2017). Esses trabalhos certamente serviram de inspiração e apoio para os diferentes projetos de intercâmbios virtuais, da modalidade teletandem ou não, que surgiram no país. Por outro lado, as publicações estavam dispersas em periódicos nacionais e estrangeiros e, tendo em vista o crescente interesse que os IVs vêm despertando, era mais do que necessário contar com uma obra que reunisse informações práticas com o devido embasamento teórico para as pessoas interessadas, lacuna essa que a obra de Rampazzo e Moore vem preencher.

O Guia está dirigido a docentes em exercício, tanto da área de ensino de línguas quanto de outras áreas, e, também, a docentes em formação. A obra tem linguagem clara, didática, sem tecnicismos e está escrita em uma abordagem interativa, em diálogo explícito com a/o leitor/a, o que faz com que sua leitura seja bastante agradável. Portanto, pode ser usada igualmente em formações com profissionais da educação que estejam envolvidos de alguma forma com intercâmbios virtuais. Está dividida em sete capítulos mais uma introdução, com as subseções dos capítulos enunciadas em forma de perguntas. Ao final dos quatro primeiros, há uma revisão e, à exceção do sétimo, em todos os demais há indicações de leituras para aprofundamento no tema tratado. Eventualmente, entre uma subseção e outra, há também perguntas que levam o leitor a refletir sobre experiências que podem dialogar com o que leu, e que o preparam para o que lerá.

O primeiro capítulo tem o objetivo de apresentar, de forma mais aprofundada, o tema central do livro e tem como título *Intercâmbio Virtual: desvendando o tema*. A partir de um exemplo bastante gráfico, as autoras vão trazendo os elementos que compõem a definição vigente na área, a saber, “iniciativas pedagógicas que conectam estudantes geograficamente distantes por meio de ferramentas de comunicação online” (p. 17), para que trabalhem de forma colaborativa com um “objetivo de aprendizagem comum sob a orientação de educadores por um determinado período” (p. 17). Em seguida, fazem uma breve retrospectiva histórica das diferentes iniciativas desse tipo que, desde os anos 90, vêm ocorrendo em diversas instituições e contextos, mencionando a questão da profusão de nomes com que essas práticas são conhecidas, profusão que o termo intercâmbio virtual se propõe a aglutinar. Para sintetizar a discussão, enumeram os aspectos que os vários formatos de IV têm em comum e encerram o capítulo mostrando os elementos em que eles podem se diferenciar.

O capítulo dois tem por título *O contato intercultural* e começa convidando o leitor a mobilizar seus conhecimentos prévios a respeito do tema, mesmo que em outros contextos, para em seguida discuti-lo em contextos virtuais. Na sequência, as autoras fazem uma discussão aprofundada a respeito da importância que a questão adquiriu na atualidade, tendo em vista as oportunidades de contato entre diferentes culturas geradas pelo avanço das tecnologias da comunicação e as atuais perspectivas e embasamentos para o ensino de línguas, presentes inclusive na BNCC. Destacam que o documento enfatiza a educação linguística voltada para a interculturalidade, ou seja, ao desenvolvimento da capacidade do indivíduo de não só poder participar de diferentes práticas sociais na língua-alvo, mas de também reconhecer e respeitar as diferenças. Vê-se que o objetivo do ensino de línguas deve visar também o contato intercultural, posto que isso proporciona a oportunidade de “compreender a dinamicidade e o caráter multifacetado de nossas culturas, além da possibilidade de compartilhar diferentes estilos de comunicação, valores, práticas e crenças dos indivíduos com os quais interagimos (p.31). Nesse sentido, exploram as potencialidades dos IVs para o trabalho voltado para o contato intercultural e finalizam trazendo a outra face dessas potencialidades, os desafios envolvidos no contato intercultural em IV, entre os quais estão, por exemplo, preconceitos e estereótipos. Na revisão, a/o leitor/a é instigada/o a pensar em situações e formas de superar esses desafios.

O título do terceiro capítulo é *A mediação da aprendizagem* e, nele, as autoras exploram um elemento de fundamental importância nas diferentes modalidades de IV, aquele que terá o papel de levar as/os participantes à reflexão das experiências vividas e também de auxiliar “para que os envolvidos possam superar possíveis barreiras e se comunicar cada vez mais e melhor” (p. 41). Conforme as autoras, quem exerce esse papel vem recebendo o nome de facilitador ou mediador, termos que, embora possam ser usados indistintamente, apresentam peculiaridades em suas definições. Elas diferenciam essas definições com o devido embasamento teórico, em diálogo com a experiência empírica de ambas com a mediação ao longo de seus anos de atividade no projeto *Teletandem*. Para concluir o capítulo, elencam as responsabilidades que normalmente são desempenhadas pelas pessoas que assumem esse papel, reforçando a importância que tem a/o mediador/a para que a experiência de um intercâmbio virtual seja bem-sucedida, reiterando o compromisso do livro com a formação das pessoas que vão assumi-lo.

O capítulo quatro tem por título *A avaliação da aprendizagem* e está dedicado a esta ação, que deve estar presente em toda situação de aprendizagem. Tem início com perguntas reflexivas sobre a presença de processos de avaliação em nossas vidas e de sua importância. Na sequência, as autoras discorrem sobre os diferentes tipos de avaliação para depois circunscrevê-la ao âmbito dos IVs. Primeiramente, discutem como pode ser avaliada a participação e o desempenho de aprendizes. Para tanto, apresentam diferentes possibilidades – autoavaliação, avaliação por pares, avaliação pelo professor – e instrumentos, além de trazerem resultados de pesquisas a respeito do uso de cada um deles. Depois, abordam como se pode dar a avaliação de um projeto de IV, enumerando alguns aspectos que podem ser considerados nesse processo, essencial para “verificar o progresso, implementar mudanças, compreender a experiência e refiná-la no futuro” (p. 67).

O quinto capítulo é dedicado aos *Aspectos para considerar antes, durante e depois da implementação de IVs* e tem um caráter eminentemente prático. Nele, as autoras trazem alguns direcionamentos a respeito do que deve ser levado em conta nos diferentes momentos da realização de um IV. Entre outros pontos, tratam de questões como as parcerias, o planejamento, como fazer a seleção e o pareamento, o acompanhamento e a avaliação dos participantes, a avaliação e a revisão da proposta. Apresentam ao final um checklist desses diferentes itens com seus correspondentes subitens. Em lugar da revisão com várias perguntas presentes nos capítulos anteriores, neste, as autoras questionam se as/os leitoras/es acrescentariam algum item à lista proposta.

Em coerência com a abordagem interativa adotada no livro, no penúltimo capítulo, cujo título é *Explorando exemplos de implementação de IVs no Brasil e no mundo*, Rampazzo e Moore propõem uma atividade sobre quatro formatos de IV existentes, a saber: um que promove a aprendizagem de línguas em tandem, um que envolve duas classes universitárias em dois países distintos, um voltado para o diálogo entre culturas e um que conecta estudantes do ensino básico. São exemplos de propostas de sucesso, apresentados na forma de descrições. Para a realização da atividade, desenvolveram um framework para análise de projetos de IV, com base na proposta da Stevens Initiative (2021) um programa voltado para o fomento a iniciativas de intercâmbios virtuais, existente desde 2015 e ligado ao Aspen Institute. Com base nas descrições apresentadas a respeito dos quatro exemplos, as/os leitoras/es são convidadas/os a preencher os diferentes itens dos quadros. No apêndice, encontra-se os quadros devidamente preenchidos para o cotejo do exercício realizado. As autoras fazem a ressalva de que os exemplos descritos “não caracterizam todos os cenários de IVs, mas representam algumas possibilidades que podem servir de norte para quem deseja implementá-los em seus contextos de ensino” (p.97). No processo, devem ser consideradas as realidades e necessidades locais para os devidos ajustes no momento de planejar e implementar um projeto de IV.

No sétimo e último capítulo, cujo título é *Reflexões finais*, as autoras primeiramente fazem algumas considerações sobre cinco tendências emergentes, as quais sugerem que sejam observadas por atuais e futuros mediadores de IV, entre elas estão a personalização e acessibilidade e a expansão do público-alvo. Além disso, retomam os principais objetivos e embasamentos de sua obra, entre eles, pensar os IVs como uma “iniciativa que tem o potencial de democratizar o acesso às experiências educacionais interculturais” (p. 102), já que os intercâmbios tradicionais que envolvem

viagens e estadias em outros países implicam em custos, deslocamentos, questões de acesso. Tais aspectos dificultam ou impedem que boa parte das/os estudantes brasileiras/os possam usufruir dessas experiências e de seus conhecidos benefícios. As autoras também reforçam a importância que as/os mediadoras/es desempenham na “concepção, facilitação e avaliação dessas experiências” (p.102) e da necessidade de que estejam atentas/os às tendências emergentes, adaptem suas práticas para “maximizar o impacto positivo dos IVs e continuar inovando com novas formas de conectar pessoas e culturas ao redor do mundo” (p.102).

O *Guia teórico-prático do intercâmbio virtual* é um livro que alia consistência teórica e exemplos embasados em pesquisas a uma linguagem clara, o que torna sua leitura bastante fluida e explicitamente ativa e dialógica. Para tanto, as autoras optaram por estratégias que instigam à reflexão e a processos cognitivos que permitem a conexão entre o conteúdo apresentado e experiências reais. Outro aspecto a destacar é o fato de não terem se restringido a mostrar apenas os aspectos positivos dos IVs, mas abordarem também seus desafios e possíveis problemas. Pelo exposto, sem dúvida é uma obra a ser celebrada e que será de interesse e muito proveito para todas as pessoas interessadas nessa prática, considerada, atualmente, uma das mais promissoras no âmbito do ensino de línguas mediado pelas tecnologias.

## Referências

ALBUQUERQUE-COSTA, H.; MAYRINK, M. F.; OLIVEIRA, R. D. de. Repensando a relação entre metodologia, tecnologia e formação docente no ensino de Línguas. *Revista Intercâmbio*, [S.l.], v. 45, p.87-212, 2020.

ARANHA, S; CAVALARI, S. M. S. A trajetória do projeto Teletandem Brasil: da modalidade institucional não-integrada à institucional integrada. *the ESPecialist*, v. 35, n. 2, p. 183-201, 2014.

BENEDETTI, A. M. Teletandem. In MAYRINK, M. F. e ALBUQUERQUE-COSTA, H. *Ensino e aprendizagem de línguas em ambientes virtuais*. São Paulo: Humanitas, 2013, p. 65 a 92.

CARVALHO, K. C. H. P. de; MESSIAS, R. A. L. O teletandem no ensino e aprendizagem de espanhol/LE em contexto de formação inicial. *Veredas-Revista de Estudos Linguísticos*, v. 21, n. 1, 2017.

LEFFA, Vilson. Redes sociais: ensinando línguas como antigamente. In ARAÚJO, Júlio; LEFFA, Vilson. *Redes sociais e ensino de línguas: o que temos de aprender*. São Paulo: Parábola, 2016, p. 137-153.

STEVENS INITIATIVE: *Virtual Exchange Typology*. 2021. Disponível em [https://www.stevensinitiative.org/wp-content/uploads/2021/09/Stevens-Initiative-Virtual-Exchange-Typology\\_090121\\_singlepages.pdf](https://www.stevensinitiative.org/wp-content/uploads/2021/09/Stevens-Initiative-Virtual-Exchange-Typology_090121_singlepages.pdf). Acesso em: 31 mai. 2025.

TELLES, J. A; VASSALLO, M. L. Foreign language learning In-Tandem: Teletandem as an alternative proposal in CALLT. *the ESPECIALIST*, São Paulo, 27.2, p. 189-212, 2006.

TELLES, J. A. Learning foreign languages in teletandem: Resources and strategies. *DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 603-632, dez. 2015.

VASSALLO, M. L.; TELLES, J. A. Foreign language learning in-tandem: theoretical principles and research perspectives. *the ESPECIALIST*, São Paulo, 27.1, p. 83-118, 2006.